

# A AUTO-AFIRMAÇÃO DA UNIVERSIDADE ALEMÃ

Martin Heidegger  
(trad. Alexandre Franco de Sá)

A assunção do reitorado é a obrigação à condução *espiritual* desta alta escola. O séquito dos professores e dos alunos só desperta e se fortalece a partir do enraizamento, verdadeiro e comunitário, na essência da universidade alemã. Mas esta essência só vem à luz, a um plano elevado e ao poder, se previamente e de cada vez os próprios guias [*Führer*] forem os guiados – guiados pela inexorabilidade deste encargo espiritual que comprime o fado [*Schicksal*] do povo alemão no cunho da sua história.

Sabemos deste encargo espiritual? Quer sim, quer não, a pergunta permanece inalterável: *estaremos* nós, professorado e estudantado desta alta escola, enraizados verdadeira e comunitariamente na essência da universidade alemã? Terá esta essência, para a nossa existência [*Dasein*], uma força de cunho genuína? Sim, mas só se *quisermos* esta essência a partir do fundo. Mas quem poderia aí ter dúvidas? Comumente, vê-se o carácter essencial predominante da universidade na sua “auto-administração”; esta deve ser mantida. No entanto – será que também pensámos completamente naquilo que este direito à auto-administração exige de nós?

Auto-administração quer dizer certamente: pormo-nos a nós mesmos a tarefa e determinarmos nós mesmos o caminho e o modo da sua efectivação, para nisso sermos nós mesmos aquilo que devemos ser. Mas saberemos então *quem somos nós mesmos*, esta corporação de professores e de alunos da mais alta escola do povo alemão? *Poderemos* de todo sabê-lo, sem a mais constante e severa *auto-meditação* [*Selbstbesinnung*]?

Nem o conhecimento das condições hodiernas da universidade, nem sequer a familiaridade com a sua história anterior, garantem já um saber suficiente da sua essência – é então preciso que, em primeiro, lugar, circunscrevamos esta essência para o futuro, com clareza e severidade, que a *queiramos* em tal auto-limitação e que nos *afirmemos* a nós mesmos em tal querer.

A auto-administração só ganha consistência sobre o fundamento da auto-meditação. Mas a auto-meditação só acontece na força da *auto-afirmação* da universidade alemã. Será que a realizaremos? E como?

A auto-afirmação da universidade alemã é a vontade originária, comunitária da sua essência. A universidade alemã é para nós a alta escola que, a partir da ciência e através da ciência, leva os guias e os guardiães do fado do povo alemão à educação e ao cultivo. A vontade da essência da universidade alemã é a vontade da ciência, enquanto vontade do encargo histórico espiritual do povo alemão como um povo que se sabe a si mesmo no seu Estado. A ciência e o fado alemão têm *por uma vez* de, no querer essencial, chegar ao poder. E só lá chegarão se, e *só se*, nós – professorado e estudantado –, por um lado, expusermos a ciência à sua mais íntima necessidade [*Notwendigkeit*] e, *por outro lado*, nos radicarmos no fado alemão, na sua mais extrema carência [*Not*].

Certamente não experimentaremos a essência da ciência, na sua mais íntima necessidade, enquanto, falando do “novo conceito de ciência”, conferirmos a uma

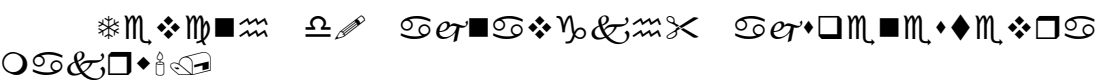
ciência demasiado hodierna a auto-suficiência e a ausência de pressupostos. Este acto meramente negador, e que quase não remonta para além das últimas décadas, torna-se, precisamente por isso, na aparência de um esforço verdadeiro pela essência da ciência.

Se quisermos captar a essência da ciência teremos, antes de mais, de colocar diante dos olhos a pergunta decisiva: será que a ciência deve, para nós, continuar ainda a *ser*, ou devemos deixá-la ser arrastada para um fim repentino? Não é incondicionalmente necessário que a ciência em geral deva ser. Mas se a ciência deve ser, e se ela deve ser *para* nós e *através* de nós, sob que condição é que ela pode verdadeiramente permanecer?

Só se novamente nos colocarmos sob o poder do *inicio* [*Anfang*] da nossa existência espiritual-histórica. Este início é a irrupção da filosofia grega. Aí, o homem ocidental levanta-se pela primeira vez, por força da sua linguagem, a partir de uma nacionalidade [*Volkstum*], diante do *ente no seu todo* [*Seiendes im Ganzen*], perguntando e concebendo-o enquanto o ente que ele é. Toda a ciência é filosofia, quer ela o saiba e o queira quer não. Toda a ciência permanece presa a este início da filosofia. É a partir dele que ela cria a força da sua essência, posto que ainda permaneça em geral à altura deste início.

Queremos aqui retomar, para a *nossa* existência, duas propriedades distintivas da essência grega originária da ciência.

Corria entre os gregos um conto antigo, segundo o qual Prometeu tinha sido o primeiro filósofo. Ésquilo faz este Prometeu dizer uma sentença que enuncia a essência do saber:


  
 (Prometeu. 514)

“Mas o saber é de longe mais impotente que a necessidade”. Isto quer dizer: cada saber acerca das coisas permanece, à partida, entregue ao super-poder [*Übermacht*] do fado e nega-se diante dele.

Precisamente por isso, para se negar efectivamente, o saber tem de desenrolar a sua suprema obstinação, sendo para ela que pela primeira vez emerge o poder do estar-encoberto [*Verborgenheit*] do ente. Assim, o ente abre-se justamente na sua inalterabilidade infundável e empresta ao saber a sua verdade. Esta sentença acerca da impotência criadora do saber é uma palavra dos gregos, nos quais se gostaria de encontrar demasiado facilmente o modelo para um saber que puramente se põe a si mesmo, e que nisso se esquece a si mesmo, o qual nos é referido como atitude “teorética”. Mas o que é a  $\square\mu\cdot\square\kappa\cdot\psi\cdot\omega$  para o grego? Diz-se: a consideração [*Betrachtung*] pura que só à coisa [*Sache*], na sua plenitude e exigência, permanece vinculada. Esta conduta de consideração deve acontecer, aludindo aos gregos, por si mesma. Mas esta alusão não tem razão. Pois, por um lado, a “teoria” não acontece por si mesma, mas unicamente na paixão de permanecer próximo do ente enquanto tal e sob a sua perturbação. Mas, por outro, lado, os gregos combateram precisamente por conceber e realizar este perguntar de consideração como um modo da  $\mu\epsilon\rho\mu\cdot\psi\cdot\omega\mu\kappa\omega$ , e mesmo como o supremo modo da  $\mu\epsilon\rho\mu\cdot\psi\cdot\omega\mu\kappa\omega$ , do “estar-em-obra” do homem. O seu sentido não estava em igualar a praxis à teoria, mas, ao contrário, em compreender a própria teoria como a suprema efectivação da prática genuína. A ciência não é, para os gregos, um “bem cultural”, mas o meio mais intimamente determinante de toda a existência popular-estatal. A ciência também não é para eles o simples meio

de consciencialização daquilo que era inconsciente, mas o poder que segura e envolve toda a existência.

A ciência é o firmar-se a perguntar no meio do ente no seu todo, o qual constantemente se encobre. É nisso que este perseverar a agir sabe acerca da sua impotência diante do fado.

Isto é a essência inicial da ciência. Mas este início não se encontra a já dois séculos e meio de distância? O progresso do agir humano também não alterou a ciência? Certamente! A interpretação do mundo teológica-cristã, que veio depois, assim como o posterior pensar técnico-matemático da modernidade, afastou, no que toca ao tempo e à coisa, a ciência do seu início. Mas, com isso, o próprio início não está de modo nenhum superado ou mesmo aniquilado. Pois posto que a ciência grega originária é algo grande, então o *início* deste algo grande permanece o seu *maior*. A essência da ciência não poderia alguma vez ser esvaziada e desactivada, como o é hoje apesar de todos os resultados e “organizações internacionais”, se a grandeza do início não permanecesse *ainda*. O início *ainda é*. Ele não se encontra *atrás de nós* como algo que foi há muito, mas está *diante de nós*. O início passa antecipadamente, enquanto aquilo que é maior, sobre tudo o que vem e, deste modo, também já sobre nós. O início invadiu o nosso futuro; ele encontra-se lá sobre nós, como a ordem longínqua para recuperar novamente a sua grandeza.

A ciência tornar-se-nos-á na necessidade mais íntima da existência se e só se nos concertarmos decididamente com esta ordem longínqua para retomar a grandeza do início. De outro modo, ela permanece um acidente no qual caímos ou o prazer tranquilo de uma ocupação inócua para o fomento de um simples progresso de conhecimentos.

Contudo, se nos concertarmos com a ordem longínqua do início, a ciência terá de se tornar um acontecimento fundamental da nossa existência espiritual-popular.

E quando a nossa existência mais própria, ela mesma, estiver diante de uma grande transformação, quando for verdade o que disse o último filósofo alemão que procurou apaixonadamente Deus, Friedrich Nietzsche – “Deus morreu”; quando tivermos de ser sérios com este abandono do homem hodierno no meio do ente, o que se passará então com a ciência?

Então o perseverar dos gregos diante do ente, que inicialmente se espanta, transforma-se num estar completamente exposto, sem cobertura, ao que é encoberto e incerto, isto é, ao digno de ser questionado [*Fragwürdige*]. O perguntar já não é então apenas o nível elementar, ultrapassável pela resposta enquanto saber, mas o próprio perguntar tornar-se-á na suprema figura do saber. O perguntar desenrola então a sua força mais própria de abertura daquilo que em todas as coisas é essencial. O perguntar obriga então à mais extrema simplificação do olhar sobre aquilo que é incomum.

Tal perguntar quebra o enclausuramento da ciência em disciplinas espartilhadas, recupera-a a partir da dispersão sem margens nem meta por campos e zonas singularizados, voltando a pôr a ciência imediatamente a partir da fecundidade e da prosperidade de todas as potências formadoras do mundo da existência humana-histórica, como o são: natureza, história, linguagem; povo, costume, Estado; poetas, pensar, crer; doença, loucura, morte; direito, economia, técnica.

Se quisermos a essência da ciência no sentido do *firmar-se a perguntar, sem cobertura, no meio da incerteza do ente no seu todo*, então *esta* vontade da essência alcançará para o nosso povo o seu mundo do perigo mais íntimo e mais extremo, isto é, o seu mundo verdadeiramente *espiritual*. Pois “espírito” não é nem sagacidade vazia, nem um jogo de palavras descomprometido, nem o impulso sem margens de uma desmontagem às mãos do entendimento, nem mesmo a razão universal, mas o espírito é a resolução originariamente disposta e sapiente à essência do ser. E o *mundo espiritual*

de um povo não é a super-estrutura de uma cultura, nem mesmo como o museu para conhecimentos e valores utilizáveis, mas é o poder da mais profunda conservação das suas forças de terra e de sangue enquanto poder da excitação mais íntima e do abalo mais vasto da sua existência. Só um mundo espiritual garante ao povo a grandeza. Pois ele obriga a que a constante decisão entre a vontade da grandeza e o consentir da queda [Vefall] se torne na guia de marcha para a marcha que o nosso povo iniciou em direcção à sua história futura.

Se quisermos esta essência da ciência, então o professorado da universidade terá de efectivamente avançar para os postos mais exteriores do perigo da constante incerteza do mundo. Se ele se firmar aí, isto é, se lhe crescer a partir de lá – na proximidade essencial da perturbação de todas as coisas – o perguntar comunitário e o dizer comunitariamente determinado, então tornar-se-á forte o bastante para guiar. Pois o que no guiar é decisivo não é o simples ir à frente, mas a força de poder ir só, não por teimosia ou por desejo de dominar, mas por força de uma determinação que é a mais profunda e de uma obrigação que é a mais vasta. Tal força vincula ao que é essencial, faz a selecção dos melhores e desperta o séquito genuíno daqueles que são de uma nova coragem. Mas não precisamos de primeiro despertar o séquito. O estudantado alemão está em marcha. E quem ele procura são aqueles guias através dos quais ele quer elevar à verdade fundamentada e sábia a sua determinação própria e pô-la na claridade de uma palavra e de uma obra que seja indicadora e actuante.

A partir da resolução do estudantado alemão de firmar-se no fado alemão, na sua carência mais extrema, vem uma vontade da essência da universidade. Esta vontade é uma vontade verdadeira, na medida em que o estudantado alemão, através do novo Direito dos Estudantes, se coloca a si mesmo sob a lei da sua essência e, deste modo, pela primeira vez, circunscreve esta essência. Dar-se a si mesmo a lei é a mais elevada liberdade. A muito apregoada “liberdade académica” é repudiada da universidade alemã; pois esta liberdade não era genuína, porque era apenas negadora. Ela significou preponderantemente o descuido, a casualidade das intenções e impulsos, a desvinculação de tudo o que se faz. O conceito de liberdade do estudante alemão é reconduzido agora à sua verdade. A partir dela, desenrola-se futuramente o vínculo e o serviço do estudantado alemão.

O primeiro vínculo é o vínculo à comunidade do povo. Ele obriga a uma participação, que transporta e age em comum, nos esforços, aspirações e capacidades de todos os estados e membros do povo. Este vínculo é de agora em diante solidificado e enraizado na existência estudantil através do *serviço de trabalho*.

O *segundo* vínculo é o vínculo à honra e ao destino [Geschick] da nação no meio dos outros povos. Ele exige a preparação, assegurada no saber e no poder, e centrada através do cultivo, para a mobilização até ao último. Este vínculo abrange e penetra futuramente toda a existência estudantil como *serviço militar*.

O *terceiro* vínculo do estudantado é o vínculo ao encargo espiritual do povo alemão. Este povo actua no seu fado na medida em que coloca a sua história na manifestação do super-poder de todas as potências formadoras de mundo da existência humana, combatendo sempre de novo pelo seu mundo espiritual. Assim exposto à mais extrema dignidade de ser questionada [Fragwürdigkeit] da existência própria, este povo quer ser um povo espiritual. Ele exige de si e para si, nos seus guias e guardiães, a mais severa clareza do saber mais elevado, mais vasto e mais rico. Uma juventude estudantil que, desde cedo, ouse entrar na virilidade, desfraldando o seu querer sobre o destino futuro da nação, força-se desde o fundo ao serviço neste saber. Para ela, o *serviço do saber* já não poderá ser o adestramento apático e rápido para uma profissão “distinta”. É porque o político e o professor, o médico e o juiz, o pároco e o arquitecto guiam a

existência popular-estatal, vigiando-o e fixando-o solidamente nas suas relações fundamentais às potências formadoras de mundo do ser humano, que estas profissões e a educação para elas são da responsabilidade do serviço do saber. O saber não está ao serviço das profissões, mas ao contrário: as profissões actualizam e administram aquele saber supremo e essencial do povo acerca de toda a sua existência. Mas este saber não é para nós a tomada de conhecimento tranquila de essencialidades e valores em si, mas o risco mais agudo da existência no meio do super-poder do ente. A dignidade de ser questionado do ser em geral comprime o povo ao trabalho e ao combate, e comprime-o para dentro do seu Estado aonde pertencem as profissões.

Os três vínculos – *no* encargo espiritual, *através* do povo, *ao* destino do Estado – são *co-originários* à essência alemã. Os três serviços que resultam daí – serviço de trabalho, serviço militar e serviço do saber – são igualmente necessários e estão ao mesmo nível.

O saber acerca do povo, agindo em comum, e o saber acerca do destino do Estado, mantendo-se preparado, só juntamente com o saber acerca do encargo espiritual, cuja efectivação nos está entregue, fazem a essência originária e plena da ciência – posto que nos concertemos com a ordem longínqua do início da nossa existência espiritual-histórica.

*Esta* ciência é visada quando a essência da universidade alemã for circunscrita como a alta escola que, a partir da ciência e através da ciência, leva os guias e os guardiães do fado do povo alemão à educação e ao cultivo.

*Este* conceito originário da ciência não apenas obriga à “objectividade” [*Sachlichkeit*], mas, à partida, à essencialidade e simplicidade do perguntar no meio do mundo histórico-espiritual do povo. Sim – só a partir daqui a objectividade se pode verdadeiramente fundamentar, isto é, encontrar o seu tipo e as suas fronteiras.

Neste sentido, a ciência tem de se tornar no poder que dá a figura da corporação da universidade alemã. Nisto encontra-se duas coisas: por um lado, o professorado e o estudantado, cada um no seu modo, têm de vez de vez de ser *agarrados* e *permanecer* agarrados pelo conceito de ciência. Mas, ao mesmo tempo, este conceito de ciência tem de intervir de um modo transfigurador nas formas fundamentais dentro das quais os professores e alunos, respectivamente, agem cientificamente em comunidade: nas *faculdades* e nas *especialidades*.

A faculdade só é faculdade se se desenrolar numa capacidade de legislação espiritual enraizada na essência da sua ciência, para configurar as potências da existência que *a* perturbam em direcção ao mundo espiritual *uno* do povo.

A especialidade só é especialidade se se colocar de antemão no domínio desta legislação espiritual, derrubando assim os limites da disciplina e ultrapassando o mofo e a ausência de genuinidade do adestramento superficial da profissão.

No instante em que as faculdades e as especialidades desencadearem as perguntas essenciais e simples da sua ciência, os professores e os alunos estarão também já envolvidos por *aquelas* necessidades e inquietações últimas da existência popular-estatal.

A configuração da essência originária da ciência exige uma tal escala em rigor, responsabilidade e paciência superior que, de certo modo, diante dela o cumprimento certo ou a alteração solícita dos modos de procedimento acabados quase não têm importância.

Mas se os gregos precisaram de três séculos apenas para também trazerem a *pergunta* sobre o que é o saber ao solo certo e ao caminho seguro, *nós* não poderemos certamente achar que o aclaramento e o desenrolar-se da essência da universidade alemã suceda no presente ou no próximo semestre.

Contudo, a partir da essência que se mostrou da ciência, sabemos certamente *uma coisa*: que a universidade alemã apenas chegará à figura e ao poder quando os três serviços – serviço de trabalho, serviço militar e serviço do saber – se encontrarem em conjunto numa *mesma* força de cunho. Isto quer dizer:

A vontade essencial do professorado tem de despertar e de se fortalecer para a simplicidade e vastidão do saber acerca da essência da ciência. A vontade essencial do estudantado tem de se forçar à suprema clareza e cultivo do saber, e a ciência-com [*Mitwissenschaft*] acerca do povo e do seu Estado tem de se configurar, de um modo exigente e determinado, na essência da ciência. Ambas as vontades têm de se colocar em *combate* uma contra a outra. Toda a aptidão volitiva e pensante, todas as forças do coração e todas as capacidades do corpo têm de ser desenroladas *através* do combate, de ser aumentadas *no* combate e de permanecer conservadas *enquanto* combate.

Escolhemos o combate sábio dos que perguntam e reconhecemos, com Carl von Clausewitz: “Não quero saber da esperança descuidada de uma salvação pela mão do acaso”.

Só se o professorado e o estudantado instituírem a sua existência de um modo mais simples, mais severo e mais generoso do que todos os outros camaradas do povo [*Volksgenossen*], a comunidade de combate dos professores e dos alunos trará a universidade alemã ao estado da legislação espiritual e, nela, conseguirá os meios da mais rigorosa reunião para o supremo serviço do povo no seu Estado. Toda a condução tem de conceder ao séquito a força própria. Mas cada seguir traz em si a resistência. Esta oposição essencial no guiar e no seguir não pode nem desvanecer-se nem ser extinta.

Só o combate mantém a oposição aberta e implanta, em toda a corporação de professores e alunos, aquela disposição fundamental [*Grundstimmung*] a partir da qual a auto-afirmação, que a si mesma se delimita, autoriza a auto-meditação resoluta à genuína auto-administração.

Queremos a essência da universidade alemã ou não a queremos? É conosco, se e até onde nos esforçamos pela auto-meditação e auto-afirmação a partir do fundo, e não apenas de passagem, ou se – na melhor das hipóteses – só alteramos velhas instituições e acrescentamos novas. Ninguém nos vai impedir de fazê-lo.

Mas também ninguém nos virá perguntar se queremos ou não queremos, quando a força espiritual do Ocidente se nega e este rebenta nas suas articulações, quando a pseudo-cultura moribunda se desmorona em si e todas as forças escapam na confusão e se deixam sufocar na loucura.

Tal acontecer ou não acontecer, depende apenas disto: se nós, como povo histórico-espiritual, ainda e novamente nos queremos a nós mesmos ou se já não nos queremos. Cada singular *co*-decide sobre isso, também quando e precisamente quando se esquia diante dessa decisão.

Mas nós queremos que o nosso povo cumpra o seu encargo histórico.

Nós queremos-nos a nós mesmos. Pois a nova e a mais nova força do povo, que passa por cima de nós, já *decidiu* sobre isso.

Contudo, só compreenderemos totalmente a magnificência e a grandeza desta irrupção se transportarmos em nós aquela profunda e vasta prudência a partir da qual a velha sabedoria grega disse a palavra:



“Toda a grandeza está na tormenta...”

*(Platão. República, 497 d, 9)*